

LUTAS, MICROLUTAS E RESISTÊNCIAS NAS TIRAS EM QUADRINHOS

Por Mayara Barbosa Tavares¹ &
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

Atualmente, é perceptível uma série de veiculações midiáticas que versam sobre variadas temáticas sócio-culturais, que visam, muito além do entretenimento, reflexões acerca das práticas discursivas e/ou atitudes proferidas e concretizadas por nós, cidadãos e cidadãs, no que se refere aos temas sociais que nos circundam.

Dentre a imensidade de produções e assuntos veiculados na mídia, optamos por utilizar neste trabalho, as tiras em quadrinhos, precisamente, as que abordam a temática referente à luta entre classes, às microlutas dentro de uma mesma classe e às resistências – disseminadas em sua grande maioria na *internet*.

Foram selecionadas duas tiras em quadrinhos retiradas do site *Malvados* do quadrinista André Dahmer e nos valendo da pesquisa em caráter qualitativo³, utilizamos o método de análise de documentos⁴, nesse caso específico de tiras em quadrinhos.

Para realizarmos as análises do *corpus*, nos embasamos na análise do discurso de orientação francesa, em especial, nas obras de Michel Pêcheux – com enfoque na terceira fase da Análise do Discurso (AD3) e de Michel Foucault – especificamente na fase genealógica do poder. Contudo, apesar de algumas tentativas acadêmicas de separar teoricamente as obras desses autores, é possível, em consonância com Gregolin (2006, p.119), inferirmos que o que Pêcheux e Foucault propõem “não está em oposição, mas em complementaridade, já que se trata, antes, de diferenças e não contrariedade”. Ou seja, o que temos são diferentes maneiras de ler e interpretar o marxismo e o althusserianismo, leituras estas que se complementam durante as abordagens teóricas e práticas na Análise do Discurso.

Entretanto, antes de adentrarmos nas concepções teóricas da Análise do Discurso, partimos na sequência, para a explicitação de alguns pontos centrais constituintes da história e da veiculação das histórias em quadrinhos.

QUADRINHOS: AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA

-
- 1 Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e membro do Grupo de Estudos Criarcontexto vinculado à UFG. Contato: mayarabtav@hotmail.com
 - 2 Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.
 - 3 Atividade situada que localiza o observador no mundo, é um campo interdisciplinar que atravessa as humanidades, de cunho interpretativista, no qual cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta. (DENZIN E LINCOLN, 2006)
 - 4 O método de análise documental, em consonância com Ludke e André (1986), busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse e faz inferências sobre os valores, as intenções e as ideologias das fontes documentais.

As histórias em quadrinhos (doravante HQs) floresceram nos Estados Unidos, no final do século XIX, devido à ambientação propícia ao seu surgimento como comunicação de massa – evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas.

Após a Segunda Guerra Mundial houve a popularidade de histórias em quadrinhos com o aparecimento de heróis fictícios no conflito bélico e, com o final da mesma, novos gêneros surgiram – terror e suspense –, os quais deram continuidade à popularidade entre os adolescentes e adultos.

Durante o período de pós-guerra e início da Guerra Fria, Fredric Wertham, psiquiatra alemão, em seu livro intitulado *Seduction of the Innocent* (Sedução do Inocente), em 1954, associou a leitura de HQs a casos patológicos de jovens e adolescentes problemáticos (RAMA e VERGUEIRO, 2008), obra que causou um rebuliço nos Estados Unidos e influenciou a campanha para a censura das publicações.

Por conseguinte, apesar da imensa popularidade, entre crianças, jovens e adolescentes, a leitura das histórias em quadrinhos passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas “pensantes”, “cultas” da sociedade, pois acreditava-se, em consonância com Rama e Vergueiro (2008, p.16), que

sua leitura afastava as crianças dos objetivos “mais nobres” – como o conhecimento do “mundo do livros” e o estudo de “assuntos sérios” –, que causavam prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para a apreensão de idéias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores.

No Brasil, as histórias em quadrinhos, até a virada do último século, eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficiais e distanciadas do conteúdo para a realidade das crianças, adolescentes e jovens. Para tal, dois argumentos eram muito utilizados: geravam “preguiça mental” nos leitores e os afastavam da chamada “boa leitura” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p.09). Argumentos estes desprovidos de embasamento científico, que demonstravam um desconhecimento acerca da área – HQs.

Contudo, nas décadas seguintes, diante de novos estudos envolvendo o lúdico e o aprendizado, e com a inserção do uso das histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), as HQs tornaram-se, em alguns casos, uma ferramenta para o incentivo à leitura e auxílio no ensino e aprendizado escolar.

Após esta contextualização sócio-histórica, tentaremos definir o que são histórias em quadrinhos e quais são suas principais características.

Will Eisner (2001, p.38) utiliza o termo *arte sequencial* para descrever as histórias em quadrinhos. Para ele a função fundamental da arte dos quadrinhos é:

comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados de quadrinhos.

Ainda nesta perspectiva, segundo McCloud (2005), nas histórias em quadrinhos há um entrelaçamento da escrita, informação percebida (o leitor necessita de conhecimento especializado para decodificar os símbolos abstratos da linguagem) e das imagens informações recebidas, (sem necessidade de educação prévia), as quais se complementarizam no auxílio à interpretação linguística e discursiva dos quadrinhos submetidos à análise.

Por conseguinte, os quadrinhos são constituídos “por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento” (RAMA e VERGUEIRO, 2008, p.35), portanto tem-se ações contínuas e sequenciadas em um dado recorte temporal, que refletem determinado momento sócio-histórico.

Destarte, a configuração geral das histórias em quadrinhos apresenta uma “sobreposição de palavra e imagem”, as quais exigem que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais (regências da arte) e verbais (leitura) mutuamente, pois a leitura das HQs “é um ato de percepção estética e de esforço intelectual” (EISNER, 2001, p.08).

Contudo, atualmente tem-se uma dificuldade em definir precisamente o que é história em quadrinhos, a arte feita em sequência, se comparada e/ou relacionada às tiras em quadrinhos, charges, cartum, ilustrações e outros que lidem com a vinculação entre imagens e texto verbal, portanto, tentamos, nesta pesquisa, estabelecer o que é e o que não é história em quadrinhos.

É muito comum ver nas HQs uma forma de literatura, devido às adaptações de romances para os quadrinhos, disseminadas no âmbito escolar.

De acordo com Ramos (2009, p.17),

chamar quadrinhos de literatura (...) nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (...) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário.

E, diante de tal assertiva o autor propõe que “quadrinhos são quadrinhos”, os quais possuem linguagem autônoma e valem-se de mecanismos próprios para representar seus elementos narrativos – espaço da ação dentro de um quadrinho; tempo da narrativa, visualizado através de um quadrinho com o seu anterior; personagens e falas representadas por balões; dentre outros.

Portanto, após verificarmos que quadrinhos e literatura são linguagens distintas, podemos estabelecer, em consonância com Ramos (2009) algumas “tendências” do que venha a ser considerado HQs: a- diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; b- há a predominância da sequência; c- podem apresentar personagens fixos ou não; d- a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos; e- em muitas das vezes, o rótulo, o formato e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, orientando a percepção do gênero em análise; f- uso de imagens desenhadas ou fotografias.

E, realizada a descrição de tais aspectos, Ramos (2009; 2010) define as histórias em quadrinhos como um hipergênero⁵ considerado como um grande rótulo que agrega diferentes outros gêneros como a charge, o cartum, as tiras seriadas, as tiras cômicas e as tiras cômicas seriadas.

Por conseguinte, dentre os vários gêneros abarcados pelo hipergênero HQs, o foco dessa pesquisa é em torno das tiras em quadrinhos e/ou tiras cômicas⁶, que são caracterizadas como sendo textos curtos, com um ou mais quadrinhos, com personagens fixos ou não, possuem temática atrelada ao humor e criam uma narrativa com desfecho inesperado no final, no último quadrinho.

Contudo, a nosso ver, as HQs, especificamente as tiras em quadrinhos, são definidas de maneira paradoxal, em diferentes épocas no Brasil. De um lado, as tiras são encaradas como verdadeiras vilãs, apresentadas como nociva ao comportamento de crianças, jovens e/ou adultos, sendo seu uso censurado nos diversos âmbitos sociais, atualmente de maneira velada, ou melhor, não tão explicitada. E, de outro lado, são concebidas positivamente, agindo como aparato midiático para críticas e reflexões acerca de ações sociais, políticas e culturais, e, muitas das vezes, utilizadas em livros didáticos.

Ao percebermos tal ambivalência de valores, questionamos o porquê desse caráter paradoxal. Por conseguinte, levantamos algumas hipóteses sobre a relação intrínseca existente entre os quadrinhos, o humor e a veiculação de discursos ideologicamente marcados e socialmente velados. Explicitamos a seguir tais proposições.

Com relação ao tom jocoso-sério presente nos quadrinhos, podemos situar, brevemente, tal problemática, desde a *Poética*, de Aristóteles, que, a nosso ver, indica, nos poucos escritos sobre a comédia, que ela encontra um lugar secundário (ou ínfimo) no panorama social. Considera-se que na comédia, naquilo que é risível, há uma inferiorização e ridicularização do homem, pois ocorre a “imitação de homens inferiores” (1987, p.205). E, é justamente esse processo de ridicularização de práticas humanas que aparece nas tiras em quadrinhos veiculadas, atualmente, para o público juvenil e adulto.

Porém, é válido ressaltar que a mencionada ridicularização é empregada não para rebaixar o ser humano, mas sim para mostrar-lhes sob outra perspectiva – a humorística, por exemplo – suas atitudes e propiciar-lhes reflexões e ações acerca de práticas e discursos sociais, pois o humor possui, também, um objetivo crítico e pedagógico.

Destarte, após elencarmos os aspectos históricos, sociais e teóricos do hipergênero história em quadrinhos e do gênero tiras em quadrinhos, partimos, na sequência para um breve preâmbulo sobre a abordagem teórica da Análise do Discurso.

5 Noção elaborada por Maingueneau, definida como categorizações que permitem “formatar” o texto, ou seja, funcionariam como um rótulo que daria coordenadas para a formatação textual de vários gêneros que compartilhariam diversos elementos (RAMOS, 2009).

6 Por motivos acadêmicos (limitação para a escrita), em nossa pesquisa não são realizadas distinções entre tiras em quadrinhos e tiras cômicas.

PREÂMBULO: ANÁLISE DO DISCURSO DE ORIENTAÇÃO FRANCESA

Como a nossa pesquisa centra-se na análise dos discursos materializados nas tiras em quadrinhos, para então analisarmos a representatividade das lutas, das microlutas e das resistências, é necessário delinear a história da Análise do Discurso e definirmos o que vem a ser discurso.

Iniciada no final da década de 1960, na França, a Análise do Discurso, segundo Malidier (2003), teve sua fundação em torno do linguista Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, os quais partilhavam convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social. Para tal objetivo político, a Linguística oferecia meios de abordagem política, devido à autonomia da linguagem e a cientificidade conferida aos estudos a partir do estruturalismo de vertente saussureana.

Ainda com intuítos políticos, o filósofo Althusser também se valeu da Linguística para comprovar que as ideologias têm existência material e, por conseguinte, “não devem ser estudadas como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção” (MUSSALIM, 2001, p. 103); tem-se então o denominado materialismo histórico, o qual enfatiza a materialidade da existência.

Por conseguinte, se a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, a língua, por meio da Linguística, dentro da concepção da teoria do discurso – na qual componentes linguísticos e socioideológicos se convergem –, se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa. Fato esse que caracteriza a afirmação feita por Mussalim, segundo a qual, para Pêcheux, a Análise do Discurso se constituiu através de “uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito” (2001, p.105).

No que tange à gênese da Análise do Discurso, encontramos sustentáculos, no que Pêcheux (2006, p.45) denomina como “o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure” como desafio intelectual, o que significa afirmar que a AD, com base nos respectivos autores supracitados na trilogia, faz a fusão entre a história, o sujeito e a língua, delimitados a seguir.

Em relação ao viés estruturalista, de acordo com Teixeira (2000), a AD, desde o seu surgimento, define-se como uma disciplina preocupada em contemplar o que está “excluído” da abordagem saussureana (aquele que escuta, o sujeito e a exterioridade), ou seja, trazer elementos que permitam pensar a intervenção da *exterioridade* no próprio objeto língua.

Portanto, no que se refere à concepção de língua, a Análise do Discurso entende que “a língua não é transparente” (POSSENTI, 2009, p.360), pois ao pronunciarmos nosso discurso tem-se a ilusão de que os enunciados e, os seus consequentes, efeitos de sentido são óbvios e o eventual interlocutor interpreta esses enunciados de maneira unívoca, o que não condiz com a realidade. Por isso, não há uma relação clara e uníssona entre a palavra e o mundo. Destarte, a linguagem é aberta à polissemia, à falha, a inúmeras interpretações e ao equívoco; ela serve “para comunicar e

para não comunicar” (ORLANDI, 2002, p.21). Tem-se, então, uma linguagem que se materializa por meio de enunciados, mas que também diz não dizendo, o que caracteriza os não-ditos, pois, muitas das vezes, é possível compreendermos outros efeitos de sentido por trás de determinados ditos.

Por meio do materialismo histórico, tomamos conhecimento de que o homem faz a história e que esta, também, não lhe é transparente, por conseguinte temos a inserção do fator historicidade na análise do discurso, ou seja, ter-se-á a conjugação da língua com a história na produção de sentidos, pois a lingua(gem) só faz sentido através de sua inserção na história.

E, da vertente psicanalítica lacaniana, através da releitura de Freud realizada por Lacan, há o deslocamento da noção de homem para a de sujeito, o qual é clivado, heterogêneo, afetado pela não transparência da língua e da história e funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Contudo, no que tange à concepção de sujeito, para a Análise do Discurso, não há um sujeito intencional, mas sim um sujeito com a ilusão de ser intencional, o que remete aos esquecimentos, propostos por Pêcheux (apud ORLANDI, 2002, p.34-35) que resultam da ilusão de que o sujeito é origem do seu dizer, logo dirá o que quiser (esquecimento nº1 - ideológico) e de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo, e conseqüentemente, tem-se a ilusão de que há uma relação direta entre pensamento-linguagem-mundo (esquecimento nº2 - enunciação).

Em outras palavras, o sujeito não é o dono do seu dizer, e apesar de ser um sujeito cindido, heterogêneo, é constituído por e pelas ideologias, pois “todo dizer é ideologicamente marcado” e “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2002, p.38). Assertiva que reafirma o fato de que, em consonância com Bakhtin (1997, p.41), os dizeres, as palavras “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Portanto, a ideologia é inerente à língua, ao sujeito e ao discurso, e conseqüentemente, às tiras em quadrinhos a serem analisadas neste trabalho.

No que se refere ao objeto de estudo, a Análise do Discurso, como se infere pelo seu próprio nome, analisa o discurso, o qual é definido por Pêcheux (1990b, p.82), e compartilhado neste trabalho, como a palavra em movimento, como “efeito de sentidos” entre locutores, fruto das relações de linguagem entre os sujeitos e os sentidos, inseridos em dadas condições de produção - o contexto sócio-histórico e ideológico; o contexto imediato (o aqui e o agora do dizer); a memória discursiva; o interdiscurso; a posição sujeito; as formações imaginárias; as relações de força; e outros (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006). Ou seja, para Pêcheux o discurso não é apenas transmissão de mensagem/informação, que concebe a linguagem como meio comunicação estanque, na qual um sujeito fala, depois o outro, não havendo a interação entre os interlocutores sócio-historicamente inseridos no processo de discursivização.

Contudo, é importante frisar o porquê da definição de discurso como efeito de sentidos entre locutores, pois não se tem o mesmo sentido, ou melhor, um sentido fixo e imutável em todas as ocasiões, e sim, o contrário, há um sem-número de realizações de efeitos de sentido em diferentes condições de produção.

Outro conceito de suma importância para a AD e para o nosso trabalho é a noção de interdiscurso – relação de um discurso com outros discursos (BRANDÃO, 1991). Destarte, é válido ressaltar que a nomenclatura – interdiscurso – é introduzida para designar ‘o exterior específico’ de uma formação discursiva, noção tomada de empréstimo a Michel Foucault.

Contudo, na concepção foucaultiana, o discurso é concebido como regularidade, um sistema de regras de formação, o qual delimita e determina as formações discursivas. Destarte, apesar de Pêcheux utilizar o termo “formação discursiva”, o autor o adapta as suas concepções teóricas, em especial, a de discurso – efeitos de sentido entre interlocutores – e a define ao afirmar que a FD “não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1990, p.314), portanto a FD autoriza o que pode e deve ser dito em um dado momento sócio-histórico, pois como afirma Malidier (2003), a formação discursiva é totalmente pega pela história, referida a uma relação de forças.

Em outras palavras, para a Análise do discurso, a noção de formação discursiva, em consonância, com Brandão (1991, p.90), caracteriza-se como um:

conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas 'regras de formação'. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina 'o que pode e deve ser dito' a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido.

Portanto, na concepção pecheutiana, tem-se a imbricação entre as formações discursivas e as formações ideológicas (FIs) – conjunto complexo de representações e atitudes que dizem respeito às posições de classe em conflitos umas com as outras (BRANDÃO, 1991)–, pois há a relação entre a produção dos efeitos de sentido, os sujeitos e a ideologia.

Contudo, após elencarmos os aspectos históricos e conceituais da AD, é válido ressaltar que a Análise do Discurso francesa, embasada nas obras de Michel Pêcheux, é comumente dividida em três fases – AD1, AD2 e AD3 – marcadas por embates e revisões teóricas.

Na primeira fase da Análise do Discurso (AD1), iniciada a partir da obra *Análise Automática do Discurso* de Pêcheux, tem-se, em consonância com Gregolin (2006), uma proposta teórico-metodológica impregnada pela releitura de Saussure realizada por Pêcheux, a releitura de Marx feita por Althusser e a releitura de Freud por Lacan. Por conseguinte, na AD1 o sujeito e o discurso são totalmente concebidos como assujeitados às ideologias e ao inconsciente, sendo o sujeito visto como mero reproduzidor do já-dito, o pré-construído, portanto, não é fonte nem origem de seu dizer.

Já na segunda fase (AD2), por meio das críticas direcionadas à AD1, pelo próprio Pêcheux, por meio da obra *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, inicia-se um movimento em direção à heterogeneidade, ao Outro e à re-interpretação da noção de formação discursiva foucaultiana, a qual para Pêcheux possui relações com as formações ideológicas.

E, na terceira fase (AD3), consagrada pela obra *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2006), a atenção de Pêcheux volta-se para a problematização do discurso, da interpretação, da estrutura, do acontecimento e do encontro com a “Nova História”, aproximando-se, assim, das concepções foucaultianas.

Contudo, é importante ressaltar dois aspectos essenciais para a pesquisa. Primeiramente, ao propormos utilizar as obras de Michel Pêcheux estamos centralizando nosso estudo na denominada AD3 (PÊCHEUX, 1990), na qual o autor assume a falta, o equívoco, a contradição e a incompletude como constitutivos da linguagem, do discurso e do sujeito (CORACINI, 2007), em detrimento à AD1 – automática, precisa, objetiva.

E, em segundo lugar, é importante frisarmos que ao nos referirmos ao termo ideologia, não estamos o atribuindo a Michel Foucault, pois o referido autor não faz uso dos conceitos de ideologia e de luta ideológica de classes, pelo fato de que o termo ideologia, para Foucault (CASTRO, 2009), está sempre em oposição a algo que seria verdade, se refere necessariamente a algo assim como o sujeito e ocupa posição secundária em relação à um determinante econômico, material e outros. Destarte, realizadas tais explicações, vejamos, a noção de (micro)poderes foucaultiana.

(MICRO)PODERES FOUCAULTIANOS

As pesquisas e as obras elaboradas por Michel Foucault são comumente divididas em três fases, a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a ética e estética de si. Fases estas que, em consonância com Gregolin (2006), possuem como objeto central o sujeito, ora concebido como objeto de saber, ora como objeto de poder, ora como objeto de construção identitária.

Na arqueologia, cuja obra central intitula-se *As palavras e as coisas*, tem-se explicitado o aparecimento de saberes a partir das condições de possibilidade externas aos próprios saberes, ou seja, pressupõe estudar a verdade dos saberes. Já na fase da genealogia do poder, termo introduzido na obra *Vigiar e Punir*, Foucault, relaciona o saber e o poder ao compreender que todo saber tem sua gênese em relações de poder. E, na terceira fase, da ética e estética de si, Foucault privilegia em suas análises as técnicas de si pelas quais, segundo Machado (2006), os indivíduos se constituem como sujeito moral. Contudo, neste trabalho será dado enfoque na segunda fase, na genealogia do poder.

Destarte, antes de discutirmos acerca das microlutas existentes dentro de uma determinada classe social, materializadas nas tiras selecionadas, tentaremos definir, brevemente, o que se entende por poder, na concepção foucaultiana.

No decorrer de seus trabalhos, Foucault, frisa que o tema geral de sua pesquisa “não é o poder, mas o sujeito” (1995, p.231), portanto, o autor deixa explícito que sua atenção volta-se para aquele que exerce e é fonte de exercício do “poder”. Em outras palavras, durante as pesquisas em torno do sujeito, Foucault (1995) percebeu a necessidade de analisar o poder, ou melhor, as relações de poder, devido ao fato de que o sujeito humano enquanto é colocado em

relações de produção e de significação, é igualmente posto em relações de poder muito complexas.

Contudo, ao nos referirmos ao termo “relações” de poder nos embasamos na assertiva, em consonância com Castro, de que “A pergunta de Foucault não é o que é o poder, mas como ele funciona” (2009, p.326). Em outras palavras, para Foucault o poder em si não existe, o que existe são as práticas ou relações de poder “o que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona” (MACHADO, 1979, p. XIV) nas macro e micro esferas sociais, com o objetivo de gerir, controlar, aproveitar e aperfeiçoar a vida dos indivíduos, tornando-os úteis, dóceis e, principalmente, produtivos, aos moldes do consumismo social. Destarte, é importante frisar que este exercício de poder, segundo Foucault (1995), não é apenas uma relação entre parceiros individuais ou coletivos, mas sim um modo de ação de alguns sobre os outros.

Porém, ressaltamos que o exercício de poder em suas diversas facetas, não possui apenas conotações negativas, como concebemos rotineiramente, ligadas à repressão, dominação, violência, imposição, coerção e/ou opressão. Há também conotações positivas, produtivas e transformadoras, pois “o poder produz; produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade” (MACHADO, 1979, p.XVI), produz saberes, o quais em nossa pesquisa, produz análises e reflexões acerca das práticas sócio-culturais, perceptíveis nos discursos representados nas tiras selecionadas.

Por conseguinte, após a explanação acerca do exercício de efetuação e funcionamento do poder, podemos correlacionar-lo às denominadas microlutas, ou melhor, às tensões dentro de uma mesma classe social. Pois, ao analisarmos as relações de poder e as microlutas materializadas nos discursos presentes nas tiras em quadrinhos, estamos dando enfoque às práticas de poder exercidas pelos diferentes personagens, correlacionados à realidade social retratadas nas tiras.

Deste modo, após alguns levantamentos teóricos acerca da história dos quadrinhos, das obras de Michel Pêcheux e Michel Foucault, correlacionados à teoria do discurso, partiremos, na sequência para a análise dos discursos nas tiras em quadrinhos, com o intuito de explicitar, nesta pesquisa, possíveis diálogos entre Pêcheux e Foucault, à luz de suas obras e do livro *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos* (GREGOLIN, 2006).

DIÁLOGOS ENTRE PÊCHEUX E FOUCAULT: LUTAS, MICROLUTAS E RESISTÊNCIAS REPRESENTADAS NAS TIRAS EM QUADRINHOS

Salientamos, anteriormente, que não há uma contradição no que refere a uma teoria do discurso em Pêcheux e Foucault, mas sim maneiras distintas de interpretar as propostas althusseriano-marxistas, principalmente no que tange às concepções de ideologia e de poder estatal, pois “não se trata, em Foucault, de negar a existência de um poder de Estado; o que ele mostra é que há outros poderes, além daquele do Estado e que estes têm naturezas e mecanismos

diversos daquele do Estado” (GREGOLIN, 2006, p.133). Assertiva encontrável na citação a seguir de Michel Foucault (2003, p.231):

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvessem, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor - àquele que sabe, àquele que lhe enfiou na cabeça tal ou tal idéia?

Portanto, inferimos que, ao contrário do que muitos possam afirmar, Foucault não nega o fato de que uma dada classe exerce poder sobre outra - na assertiva anterior representada especificamente pelo poder estatal -, mas sim que apesar de o sujeito não poder ser pensado fora dos mecanismos de exploração e dominação, ainda é necessário compreender que ele (sujeito) mantém relações complexas e circulares com outras formas, neste caso específico, com as relações de poder, pois há antes do exercício de poder estatal, por exemplo, um outro, que se exerce dentro de uma mesma classe - entre pais, amigos, professores e outros, o denominado micropoder.

Vejamos tais afirmativas nas análises dos discursos materializados nas tiras em quadrinhos, a seguir.



Figura 1- Rei Emir Saad, o monstro de Zazanov. Nº: 922.

Na tira cômica tem-se a representação de uma sociedade monárquica, na qual o rei Emir Saad - nome de origem ocidental - é definido na legenda como o monstro de Zazanov.

No início da tira temos explicitada a situação a desenrolar-se, a ditadura da magreza, datada no ano de 1988. De acordo com o dicionário Aurélio (2001), o termo ditadura refere-se a uma forma de governo em que todos os poderes se enfeixam nas mãos de um indivíduo, grupo, partido ou classe; sendo sinônimo também de tirania. Portanto, a partir da definição do vocábulo ditadura, percebemos que esse associado ao substantivo magreza, remete a uma imposição tirana do indivíduo, o rei Emir, ao seu povo.

Em outras palavras, o enunciado *Ditadura da magreza* associado à fala imperativa do rei Emir *Agora é lei: Passem fogo em qualquer pessoa com mais de oitenta quilos* e às agressões retratadas no segundo quadrinho, demonstram as relações de produção e dominação e, também, relações de poder existente na sociedade retratada na tira, pois o exercício de poder tem como objetivo central “gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo (MACHADO, 2005, p.XVI), por conseguinte, as pessoas acima do peso de oitenta quilos, não fazem parte do que é considerado saudável, produtivo e útil para a sociedade monárquica, e como consequência, o descumprimento da lei – o não emagrecimento e/ou continuar acima do peso idealizado – proferida pelo rei Emir, tem-se a abolição dos indivíduos “improdutivos” desta sociedade.

Contudo, apesar da concretização da ordem discursivizada no primeiro quadro, representada, no segundo quadrinho, por algumas personagens magras agredindo fisicamente uma pessoa com o peso acima de oitenta quilos, é perceptível a explícita contradição inerente ao sujeito e ao discurso, pois no *outdoor* próximo à cena da agressão, o rei segura um bebê, com o intuito de demonstrar sua bondade, caracterizando-o como o rei da paz, ou seja, há diversas formações discursivas e ideológicas em torno do rei, o qual oficialmente é descrito como um ser humano dotado de boas intenções, que adora criança, mas que, também, ao contrário das características positivas, deseja abolir pessoas improdutivas, as quais poderiam atrapalhar o desenvolvimento econômico da sociedade comanda por ele, transpostas em FDs e FIs, que autorizam caracterizar discursivamente o rei como o monstro de Zazanov, “contra” o qual deve-se resistir, exemplificado no terceiro quadrinho.

Ao nos depararmos no terceiro quadro com a legenda *1992: Começa a resistência*, é perceptível que, em consonância com Machado (2005, p. XIV),

(...) nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.

Portanto, não é apenas o Rei que exerce o poder sobre a sociedade exemplificada, mas também a sociedade, o povo, pode valer-se do exercício de poder, por meio da resistência, seja à ideologia dominante – que exige cidadãos e cidadãs com menos de oitenta quilos –, seja aos micropoderes – imposição de outros indivíduos pertencentes, *a priori*, a mesma classe, a mando do rei.

Contudo, de acordo com Gregolin (2006), é importante frisar que para a concepção foucaultiana, antes de compreender em que consistem as relações de poder, é necessário analisar as formas de resistência, pois as lutas colocam em questão o estatuto do indivíduo e tomam duas vias: por um lado, elas afirmam o direito à diferença e sublinham tudo o que pode tornar os indivíduos verdadeiramente individuais, e por outro lado, elas combatem tudo o que pode isolar o indivíduo, desligá-los dos outros, cindir a vida comunitária.

Portanto, ao enunciar *Venham comigo. Tenho uma fábrica de calças GG na garagem*, o sujeito inicialmente, reafirma, por meio de seu discurso, o direito de ele ser diferente, ou seja, de pesar mais de oitenta quilos e usar calças GG, o que significa dizer, também, que o sujeito resiste ao que foi imposto pelo rei Emir há quatro anos, pois, em vez, de ser abolido ou se dedicar a um regime, por exemplo, para adequar-se a lei, a personagem decide, por meio dos micropoderes, liderar outras pessoas que compartilham de seus anseios.

Para Pêcheux (GREGOLIN, 2006), através da desconstrução de assujeitamento pela via da psicanálise⁷, a resistência também é possível, pois não há dominação sem resistências, o sujeito precisa ousar se revoltar e pensar por si mesmo. Atitude esta perceptível na tira em quadrinhos, pois o sujeito ousa se revoltar contra a lei e as suas consequências, materializadas no discurso do rei Emir, e por uma parte da sociedade. E, ao pensar por si próprio, o sujeito, convida, também, outras pessoas de sua classe, com mais de oitenta quilos, para unirem-se à ele, em defesa de seus direitos.

Portanto, o sujeito mesmo que “assujeitado” às ideologias e/ou aos micropoderes (GREGOLIN, 2006), tem a possibilidade de resistir nas macro e micro esferas sociais.

Contudo, antes de analisar a tira subsequente, poderíamos nos perguntar se essa tira possui correlação com a atualidade, início do século XXI, e para comprovarmos tal associação, recorreremos à compreensão do efeito de sentido proposto, que nos permite relacionar o enunciado *Ditadura da magreza*, com as veiculações midiáticas, com os discursos e as vivências que possuímos atualmente sobre a questão da obesidade, vista como um mal a ser combatido e aniquilado e, como consequência, tem-se o cultuamento à magreza, ao corpo esguio, sinônimo de saúde, de utilidade e produtividade. Fato este que remete ao que Foucault (2009) denomina, a partir da época clássica, no Ocidente, como sendo o biopoder, poder este que destina-se à produção de forças, de fazê-las crescer e se ordenarem, em vez de barrá-las, dobrá-las ou destruí-las, com o intuito de tornar os corpos úteis, obedientes e produtivos.

Ainda na série Rei Emir Saad, o monstro de Zazanov, tem-se a seguinte tira em quadrinhos.



Figura 2 – Rei Emir Saad, o monstro de Zazanov. Nº: 869

Como afirma Ramos(2009), o rótulo e o formato constituem elementos que agregam informações ao leitor, orientando análise do gênero. Portanto, a partir da legenda, é possível

⁷ É do ponto de vista da psicanálise que Pêcheux propõe uma saída para explicar as resistências, ao afirmar que a interpelação ideológica admite falhas, fracassos, equívocos e falhas (GREGOLIN, 2006).

inferir que o rei Emir é caracterizado como um monarca tirano, ora coordenando a ditadura (da magreza, figura 1), ora mantendo em cárcere um cidadão, como na tira exemplificada anteriormente (figura 2).

No primeiro quadro, tem-se um homem acorrentado que enuncia *É tarde demais para vocês, o povo já grita lá fora*. Portanto, infere-se por meio do interdiscurso – relação de um discurso com outros discursos – que o sujeito não foi subserviente às ordens e/ou leis impostas pelo rei, o que ocasionou a prisão da personagem, o qual prossegue o enunciado, no segundo quadrinho, exteriorizando que *Podem me matar, mas jamais matarão meus ideais!*, o que permite assegurar tratar-se de um idealista, que resiste e, possivelmente, revoltou-se e disputa o exercício de poder na sociedade reinada por Emir.

Portanto, a cena do indivíduo acorrentado a mando do rei, condiz o que Foucault (GREGOLIN, 2006), na fase genealógica, propõe ao explicitar que o poder, em todas as sociedades modernas, está fundamentalmente ligado ao corpo, pois é sobre ele que se impõem as obrigações, limitações e proibições, as quais no caso da tira em quadrinhos seria, respectivamente, a obrigação de servir passivamente ao rei, sem indagações e resistências, caso contrário, a prisão e, em consequência, a morte, serão aplicadas, fato este que retoma, também, à noção de poder soberano, o qual é definido por Foucault (1996) como o exercício de poder capaz de dar ou retirar a vida de seus súditos.

Contudo, nesta tira, além da monarquia, representada pelo rei Emir e a visível resistência do indivíduo acorrentado, tem-se a inserção de outra personagem, o qual serve ao rei Emir, inferível pelas suas vestes com armas, pela sua postura de resignação, pela pergunta e o tratamento dado ao rei. Ao questionar *O que são ideais, Seu Emir?*, o sujeito, apesar de indagar – característica inicial para possíveis revoltas, resistências – demonstra seu desconhecimento acerca da estruturação monarca e das consequentes formas de resistir ao que é socialmente imposto por dada classe, indivíduo e outros. Contudo, sua fala é empregada para o desencadeamento da resposta dada pelo rei, a qual explicita uma concepção discursiva socialmente velada.

Por meio da resposta dada pelo rei, dizendo que ideais *São enfeites que os jovens usam por 5 ou 10 anos*, remonta-se uma série de discursos já-ditos – interdiscurso – sobre o assunto, imbricados em determinadas formações discursivas e ideológicas que autorizam o rei a ironizar sua definição e, conseqüentemente, minorizar pessoas ditas idealistas.

Em outras palavras, o rei, a partir da formação ideológica dominante e das decorrentes formações discursivas correlatas, que o autorizam a dizer e pôr em prática suas acepções, julga que o jovem, que luta pelos seus ideais, não passa de mais um indivíduo, embasado em pensamentos contrários às suas imposições, que tem como objetivo “derrotá-lo”. Contudo, no discurso do rei, é perceptível que tal estado de revolta e resistência, que encorajam o jovem, são transitórias, que a luta por ideais dura apenas por algum tempo, semelhante aos modismos, pois é concebido socialmente, muitas vezes de maneira tácita, que possuir ideais restringe-se à fase juvenil, ideais estes que desaparecem por meio do amadurecimento intelectual e experiencial do sujeito.

Por conseguinte, para pensarmos a resistência da personagem, que prefere morrer a abstrair-se de seus ideais, nos embasamos no que foi proposto por Pêcheux (Gregolin, 2006), ao afirmarmos que o sujeito ousa pensar por si mesmo e por seus semelhantes, revoltar-se e conduzir os demais – o povo que grita lá fora – a revoltar-se e, possivelmente, resistir aos ditames do rei Emir.

Contudo, no intuito de correlacionar a temática proposta na tira em quadrinhos com a sociedade atual, é perceptível que apesar de não haver a possibilidade explícita de torturas físicas em uma sociedade dita democrática, que garante a liberdade de expressão. Ainda há, formas de retaliações do pensamento, formas inibidoras, que tentam manter a calma, ou melhor, a passividade social. Práticas que anseiam o assujeitamento dos sujeitos às ideologias, aos discursos, ao que é politicamente correto, que impossibilitem o sujeito de se revoltar contra formas e indivíduos que afirmam que o poder emana e é exercido pelo povo. Entretanto, mesmo com toda essa parafernália, o sujeito pode (e deve!) resistir, aos moldes pècheutianos e/ou foucaultianos. Resistências estas possíveis, tanto nos discursos materializados nas tiras em quadrinhos, quanto no próprio ato de produção destas pelo quadrinhista, o qual percebe a realidade e resiste ao criar e veicular publicamente seus quadrinhos para a sociedade.

À GUIA DE CONCLUSÃO: AS TIRAS E AS (MICRO)LUTAS

Percebemos durante o processo de análise e escrita do trabalho que é possível analisarmos os discursos materializados nas tiras em quadrinhos referente à luta entre classes, às microlutas dentro de uma mesma classe e às resistências. O que possibilita inferirmos a satisfatória observância de diálogos entre alguns conceitos básicos nas obras de Pêcheux e Foucault, pois, do contrário, neste caso específico, nossas análises, à luz da Análise do Discurso, ficariam precárias se não houvesse a complementaridade das propostas pecheutianas, no que tange às noções de sujeito, discurso, ideologia, resistência, e foucaultianas, acerca dos micropoderes, microlutas, relações de poder e resistência.

Em suma, é perceptível, em consonância com Gregolin, que “as críticas de Pêcheux a Foucault são muito mais políticas do que teóricas. (...) a noção de ‘classe’ não é mobilizada por Foucault porque ele parte da ideia de ‘micro-poderes’ que não descartam o poder de Estado, mas o ultrapassam”. (2006, p.143). Portanto, antes de visualizarmos apenas problemas e evitar construir um trabalho que comungue com diversas noções dentro de uma mesma teoria, a Análise do Discurso, é necessário compreendermos que nem sempre há a contradição, mas sim “complementaridade” (GREGOLIN, 2006). E que nosso conhecimento é construído a partir e dentro de um todo sócio-histórico-cultural imbricado por ideologias, relações de poder e resistências nas macro e/ou micro esferas sociais, e não dentro de compartimentos/teorias/conceitos separados, desconexos uns dos outros.

Esperamos também, que a temática exposta neste artigo, embasada nas obras de Pêcheux e Foucault, possibilite futuras abordagens em caráter acadêmico, não só de tiras em quadrinhos, mas também de outros gêneros, sejam eles imagéticos, escritos ou ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. Poética. Tradução por Eudoro de Souza. In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José A.M. Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p.201-229.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 1991.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução por Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- DAHMER, A. *Os Malvados*. In: <http://www.malvados.com.br>. Acesso em: 2010 e 2011.
- DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Traduzido por Sandra R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EISNER, W. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio Século XXI Escolar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Albuquerque e Albuquerque. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. p.145-176.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução por Vera P. Carrero, 1995. p.231-249.
- FOUCAULT, M. Poder e Saber. In: FOUCAULT, M. *Michel Foucault: estratégia, poder-saber*. Tradução por Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.223-240.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.
- LUDKE, M. ; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado (org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. VII-XXIII.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Trad. Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books, 2005.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A.C. (org.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras – vol. 2*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 131-142.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.
- ORLANDI, E. P. e LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.) *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. e HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990a. p. 311-318.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990b. p. 75-87.

- POSSENTI, S. Teorias do discurso: Um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. (org.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos* – vol. 3, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 353-388.
- RAMA, A. ; VERGUEIRO, W. (org.) *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, P. *Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero*. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.-dez. 2009. Acesso em : set de 2010.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- VERGUEIRO, W. e RAMOS, P. *Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em 09/01/2012.

Aceito em 21/06/2012.